

A PALAVRA ... SE FAZ ...

de Tea Frigerio – mmx
t_frigerio@hotmail.com

RESUMO: A Criação possui um valor intrínseco que nos permite estabelecer contato com o Divino. É neste âmbito que emerge um sentir-pensar-agir sobre a inter-relação do Divino-Criação-Humanidade. O artigo desenvolve este pensar-agir através de três experiências: a de Pierre Teilhard de Chardin, São Francisco de Assis e Riensiru M. elas nos conduzem a perceber a importância de nos abirmos à Palavra que se Encarna e nos convida a uma ética ecológica feminista tecelã da Vida.

PALAVRAS-CHAVE: ecologia, Teilhard de Chardin, ecofeminismo, Laudato Si'

ABSTRACT: Creation possesses an intrinsic value that allows us to establish contact with the Divine. It is within this context that a feeling-thinking-acting emerges regarding the interrelation of the Divine-Creation-Humanity. This article develops this thinking-acting through three experiences: those of Pierre Teilhard de Chardin, Saint Francis of Assisi, and Riensiru M. They lead us to perceive the importance of opening ourselves to the Word that becomes Incarnate and invites us to a feminist ecological ethic that weaves Life

KEYWORDS: ecology, Teilhard de Chardin, ecofeminism, Laudato Si'

INTRODUÇÃO

A natureza é sujeito, é um *ser* e nós seres humanos fazemos parte dela.

A Criação possui um valor intrínseco que nos permite estabelecer contato com o Divino. É neste âmbito que emerge um sentir-pensar-agir sobre a inter-relação do Divino-Criação-Humanidade.

O paradigma ecológico que se alimenta com a eco-sabedoria permite conhecer e compreender os ritmos da *oikos* e, assim facilitar a convivência.

Eco-sabedoria que vai tecendo unidade a partir da diversidade da vida, que bebe as fontes das tradições e cosmovisão dos povos indígenas, dos afrodescendentes, do amazônica resultado da mestiçagem entre os povos que aqui migraram e a vislumbra nos estilos de vida apresentados pelos grandes mestres espirituais.

Eco-sabedoria é mística baseada na austeridade e não violência, na gratuidade e no serviço, no cuidado e na compaixão, na busca de uma autêntica espiritualidade e ética ecológica. Uma consciência ecológica radical que nos levará às raízes, ajudando-nos a construir uma maneira nova de inter-relacionamento com tudo. Inter-relação informada pela não-violência que é a abolição de toda opressão tanto pessoal como estrutural: os objetivos humanos não podem ser alcançados por meios desumanos.

Os princípios da teologia ecológica são um conjunto de convicções religiosas e ao mesmo tempo uma espiritualidade que afirma a importância do respeito pela terra e de todos seus habitantes, usando-se somente os recursos que são necessários, reconhecendo os direitos de todas as formas da vida, e reconhecendo que tudo que existe é parte de um todo.

O UNIVERSO É HÓSTIA

Visto que, uma vez mais, Senhor, já não nas florestas do Aisne, mas nas estepes da Ásia, não tenho nem pão, nem vinho, nem altar, elevar-me-ei acima dos símbolos até à pura majestade do real, e oferecer-vos-ei, eu, vosso sacerdote, no altar da Terra inteira, o trabalho e a dor do Mundo (...)

Recebei, Senhor, esta Hóstia total que a Criação, movida pelo Vosso apelo, Vos apresenta na nova aurora. Este pão do nosso esforço não é, por si próprio, mais do que uma imensa desagregação. Este vinho da nossa dor não é ainda, por desgraça, mais do que uma bebida dissolvente.

E agora, pronunciai sobre ele, pela minha boca, a palavra dupla e eficaz, sem a qual tudo oscila, tudo se desliza, na nossa sabedoria e na nossa experiência, com a qual tudo se reúne e tudo se consolida a perder de vista nas nossas especulações e na nossa

prática do Universo. Sobre toda a vida que vai germinar, crescer, florir e amadurecer neste dia de hoje, repeti: «Este é o Meu corpo.» E, sobre toda a morte que se prepara para corroer, para pisar, para cortar, ordenai (mistério de fé por excelência!): “Este é o Meu sangue!”.

Na nova Humanidade que hoje se engendra, o Verbo prolongou o ato sem fim do seu nascimento; e, pela virtude da sua imersão no seio do Mundo, as grandes águas da Matéria, sem um frêmito, carregaram-se de vida. Nada estremeceu, aparentemente, sequer sob a transformação inefável. E, contudo, misteriosa e realmente, ao contacto da Palavra substancial, o Universo, imensa Hóstia, fez-se Carne. Toda a matéria passou a ser encarnada doravante, meu Deus, por meio da Vossa Encarnação.

O Universo: de há muito os nossos pensamentos e as nossas experiências humanas nele haviam reconhecido essas estranhas propriedades que tão semelhante o fazem a uma Carne. (Pierre Teilhard de Chardin).

Não sei como nem o porquê ao ler contemplando “A Missa sobre o Mundo” de Teilhard de Chardin meu pensar foi aos escritos de Paulo sobretudo o Hino ao Filipenses (cfr. CEMLA n.12) e a este sobre e o qual me detenho ora a refletir.

À comunidade de Coríntios, que tanto o fez sofrer, finalizando sua carta Paulo escreve:

Recordo-vos, irmãos, o evangelho que vos preguei, que também recebestes, no qual também estais, pelo qual sois salvos, desde que o conserveis como o preguei a vós; a menos que vocês tenham acreditado em vão. Porque, antes de tudo, vos transmiti, como também o recebi, que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; que foi sepultado; que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras (1Cor 15,1-4).

Jesus fez do Reino o coração de sua Boa Notícia, é isso que nos testemunham os evangelhos, é isso que nos testemunha Paulo, embora “Reino” não seja um vocábulo e um paradigma nos seus escritos.

No caminho de Damasco, Paulo recebeu um evangelho, a esta revelação ele consagrou sua vida, sua vida foi transmiti-lo.

Evangelho é uma utopia que fascina, é o sonho realizado na ressurreição. Paulo canta esta utopia para os Coríntios: canta a liberdade, a justiça da libertação, a beleza da luz que rasga a escuridão das trevas. Canta uma canção de esperança, porém marcada por um refrão, que são as lágrimas da terra: “morreu” e “foi sepultado”.

Morreu, não uma morte natural e sim a morte na cruz, e um tumulto o acolheu, o sepultou. Um sepulcro, cavado na terra, que faz voar nosso pensamento: escuridão, silêncio, útero, vitalidade do ventre, fonte da vida, mas que se tornou tumulto, silêncio de morte. E naquele “morto”, que Paulo recebeu, é contida a primeira herança humana, o ventre da terra que é tumulto, se faz útero e transformou, libertou, regenerou um corpo morto num corpo ressuscitado, no seu corpo ressuscitado: Jesus o Cristo.

No seu testemunho, Paulo afirma que este é o cerne do Evangelho: o ventre da Terra acolhe um corpo morto e dá à luz um corpo vivo, ressuscitado. É o Evangelho Ressurreição da Criação. No “Evangelho da criação” está implícita uma responsabilidade para todos nós: a de regenerar o mundo, dando assim testemunho da Ressurreição do Senhor: um “Evangelho para a Criação”.

Em seu escrito aos Romanos Paulo faz entrever que a criação nos foi entregue com luzes e sombras; que a humanidade caminha às cegas entre estas luzes e sombras. Aos que acolheram a Boa Notícia de Jesus Cristo, aos que creem, enxertados pelo batismo, no Corpo morto e ressuscitado do Senhor, a eles cabe “revelar” à criação na sua plenitude e realização.

Penso que os sofrimentos do momento presente não se comparam com a glória futura que deverá ser revelada em nós.... a criação abriga a esperança, ... Sabemos que a criação toda geme e sofre dores de parto até agora. E não somente ela, mas também nós, que possuímos os primeiros frutos do Espírito, gememos no íntimo, esperando a adoção, a libertação para o nosso corpo ...

diz Paulo na Carta aos Romanos (Rm 8,18-26). O “Evangelho da Criação” é uma obra em progresso, uma obra em comunhão com os seres humanos.

A terra nos foi entregue como um pequeno “jardim” no meio de uma grande deserto. O deserto é, simbolicamente, a da injustiça, da ganância, da exploração, da violência, da guerra, da morte: é o que está contido naquele “morreu e foi sepultado” de Jesus. O jardim, por outro lado, é o símbolo do florescimento da vida, além da morte: “ele ressuscitou e apareceu”. Com efeito, Jesus ressuscitado apareceu aos seus discípulos/discípulas e, hoje, eles/elas são chamados/as a anunciar e testemunhar o “Evangelho para a Criação”.

TUDO ESTÁ INTERLIGADO

Assim como a contemplação da experiência de Teilhard de Chardin fez germinar minha reflexão, o Cântico de Francisco de Assis me ajuda a continuar a reflexão penetrando no mistério do “Evangelho da Criação”. Contemplem comigo:

*Laudato sie, mi' Signore, cum tucte le tue creature
spetialmente messor lu frate sole lo qual è iorno, et allumini noi per lui.
Et ellu è bellu e radiante cum grande splendore: de te,
Altissimo, porta significazione.*

*Laudato si', mi' Signore, per sora luna e le stelle:
in celu l'ài formate clarite et pretiose et belle.*

*Laudato si', mi' Signore, per frate vento
et per aere et nubilo et sereno et onne tempo,
per lo quale a le tue creature dài sustentamento.*

*Laudato si', mi' Signore, per sor' acqua,
la quale è multo utile et humile et pretiosa et casta.*

*Laudato si', mi' Signore, per sora nostra matre terra,
la quale ne sustenta et governa
et produce diversi fructi con coloriti fiori et herba.*

*Laudato si', mi' Signore, per quelli che perdonano
per lo tuo amore et sostengo infirmitate et tribulatione.
Beati quelli che 'l sosterrano in pace,
ca da te, Altissimo, sirano incoronati.*

*Laudato si', mi' Signore, per sora nostra morte corporale,
da la quale nullu homo vivente pò scappare:
guai a quelli che morrano ne le peccata mortali;
beati quelli che se trovarà ne le tue sanctissime voluntati,
ca la morte secunda no 'l farà male.*

Sinto o Cântico de Francisco, como continuidade do canto que Paulo em várias toadas foi cantando, fascinando e gerando comunidades. O canto de Paulo havia irrompido como luz nas trevas do domínio romano. O Cântico de Francisco rompe o véu de morte que o espiritualismo havia estendido sobre a criação no mundo medieval e revela, ao contrário, uma natureza cheia de cor, luz e beleza.

Papa Francisco se inspirou e dedicou duas das suas encíclicas ao Santo de Assis e a este Cântico: *Laudato si'* e *Laudate Deum*.

O Cântico ecoa as primeiras linhas da narração do nosso texto sagrado: “*Deus disse: ‘Haja luz!’ E houve a luz. Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz das trevas. Deus chamou a luz de dia, as trevas de noite. E houve tarde e houve manhã, o primeiro dia*” (Gn 1,4-5). Ouso pensar que é o princípio do “Evangelho da Criação”.

Ao acompanharmos esta liturgia carregada de esperança percebemos uma dinâmica fontal: todas as realidades são criadas duas a duas: o céu a terra, o mar o seco, o sol a lua. A criação é uma rede de correspondências e relações vitais. Tudo está em relação, em harmonia, há uma aliança, um conviver entre todas as realidades.

A vida, a harmonia, é possível somente se a “aliança” não for quebrada: do céu com a terra, do mar com a terra seca, do sol com a lua. A criação “é boa”, ela vive de sua própria ordem, cada coisa em seu lugar; é fecunda porque cada uma delas é insubstituível. “*E tudo era bom!*” (Gn 1, 9.12.17.25).

No livro do Qoelet, àquela que convoca, no caos provocado pelo império grego ao alimentar a esperança afirma: “*Ele fez todas as coisas belas no seu tempo*”, (cf. 3,11). Toda criatura brota da Palavra: “*Deus disse*” e as coisas foram (cf. Gn 1,6. 9.11ss).

A narração, ao contrário dos mitos de cosmogênese de outros povos do Antigo Oriente Próximo, descortina um quadro onde não há força, violência, guerra, competição, há somente as sementes de vida que nascem da Palavra. Ao ser pronunciada,

a Palavra torna-se céu e terra, animais do ar e da água, homem e mulher, revelando que tudo nasce numa relação, feita para se unir ao outro/outra, numa relação de liberdade geradora de harmonia, de vida. Cada extremo está disposto a agir com o outro/outra, a construir o *shalom*. O mundo é governado, administrado pela relação, harmonia, diálogo, acolhimento, convivência.

NINGUÉM SOLTA A MÃO DE NINGUÉM

A criação harmoniosa, que germina da Dabar/Palavra-Ação é entregue em mãos humanas, para que a governe.

No dia em que o Senhor Deus fez a terra e os céus, nenhum arbusto do campo estava na terra, nenhuma grama do campo havia brotado, porque o Senhor Deus não havia feito chover sobre a terra, e não havia humano para cultivar a terra, mas uma fonte de água fluíu da terra e regou toda a terra. Então o Senhor Deus formou o humano do pó da terra, e soprou em suas narinas o sopro da vida, e o humano se tornou um ser vivo. (Gn 2,4b-7).

No princípio não há nada além do deserto, nenhum arbusto, nem grama brota do chão por falta de chuva, por falta do trabalho humano. Simbolicamente podemos vislumbrar o tema da tecnologia, atividade do ser humano: sem o trabalho do humano, sua inteligência ‘científica’ não haverá jardim no Éden! A chuva virá de Deus, a fonte de água que brota da terra e se divide em quatro canais envolve e torna fecundo o solo desértico (Gn 2,5) são as parcerias das mãos humanas.

O humano é colocado no jardim para “guardar e cultivar”: será sua missão; sua responsabilidade, não de “preservar”, mas de ser “imagem e semelhança” (Gn 1,27-28; 2,15) do Criador. No *shabbat* Deus cessa sua ação criadora, inicia o tempo de sua *imagem e semelhança* dar continuidade, de *guardar e cultivar*. Podemos falar de “ecologia criativa” e não de ecologia conservadora, as mãos humanas continuam a obra criadora que a Palavra fez acontecer.

O Livro de Jó, ao louvar a sabedoria que Deus concedeu ao humano nos ajuda a compreender este legado:

O homem põe fim às trevas e busca até o limite máximo, às rochas nas trevas mais profundas. Em lugares remotos cavam túneis (...). Contra o homem de sílex estende a mão, ele sacudiu as montanhas das raízes. Nas rochas cava canais e sobre o quão precioso repousa o olho. Ele canaliza as profundezas dos rios, e o que neles está escondido traz à luz (Jó 28,3-11).

São as atividades técnicas que chamamos de “tecnologias” e que nascerão nos séculos futuros. O Evangelho da Criação, não censura as ciências praticadas pelo ser humano, pelo contrário, as considera conexas à Sabedoria de Deus.

A natureza não é, de fato, perfeita em si mesma, carrega em si a potencialidade de realização, de vida, do bem, quanto de seu oposto, isto é, a de sua destruição.

DESCREVE ... MEU NOME É ...

Então o Senhor Deus formou da terra todos os tipos de animais selvagens e todas as aves do céu, e as trouxe ao ser humano, para ver como ele as chamaria: como as chamasse cada uma das criaturas vivas, esse seria o nome dela. Então o ser humano deu nomes a todo o gado, a todas as aves dos céus e a todas as feras. (Gn 2,18-20).

O Divino, ao conferir ao Adão o poder de dar nome as outras criaturas, confere e cobra do ser humano a responsabilidade de governar as criaturas desprovidas de fala, dar a um seu direito e a dignidade de habitar a terra, de ter seu próprio espaço e habitat, de ser diferente, para que todas juntas possam viver em harmonia e construir um mundo plural e coeso.

Uma liturgia coral e compartilhada onde Adão atuou como guardião e construtor do shalom. Se, portanto, o mundo se compõe como uma orquestra ensaiando para o mais bem-sucedido dos concertos, é o Adão que aceita e estabelece um limite para que a transcendência como origem de tudo não seja apagada: o Criador que se retirou, mas que deixou a marca de si mesmo no casal, sua “imagem e semelhança”.

Sem a presença do Outro, não restaria outra coisa senão a unívoca, a solidão e a morte; sem a Transcendência de Deus, a luz se apagaria e o cosmos voltaria ao caos. Mudo e indistinto. Do mesmo modo, o homem encontra o caminho da transcendência na outra, na mulher: “*E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só, vou fazer um que lhe corresponda*” (Gn 2,18).

No mito que está nas nossas origens a relação entre a criação e as criaturas é a razão de tudo existir em harmonia.

Poderia nos surpreender a dieta que Deus estabelece para os animais da terra e para o ser humano: ninguém poderá comer a carne de outro. Um ato extremamente ecológico: a defesa da vítima potencial da necessidade primária de cada animal: comer, alimentar, destruir o alimento para transformá-lo na força do seu corpo. Você não será capaz de fazer isso com outra “carne”.

Deus disse: Eis que vos dou toda erva que há em toda a terra, e toda árvore frutífera que produz semente: elas serão o vosso alimento. A todas as feras, a todas as aves do céu, e a todas as coisas que se arrastam sobre a terra, e em quem está o sopro da vida, dou toda erva verde como alimento.

E assim aconteceu. Deus viu tudo o que tinha feito, e eis que era muito bom” (Gn 1,29-31).

A dieta é um pacto entre as várias criaturas, não permite derramar sangue, portanto, o direito de conviver em liberdade e reciprocidade, constituem a ordem da criação (*oikos*), sua harmonia e a garantia de sua própria vida. Não há futuro se as alianças forem quebradas! E é justamente o ser humano que deve guardar essa politeia sobre a qual o mundo se apoia.

NÃO É ESTA AÍ, A CRIAÇÃO QUE EU FIZ ...

Infelizmente, nos relatos míticos que se seguem em Gênesis (cf. Gn 3-4), todos os pactos da Criação são quebrados: o pacto entre o humano e Divino; entre o homem e a mulher; entre o humano e seus semelhantes/irmãos (Caim que mata Abel), entre

o humano e a terra: Caim rouba o espaço da terra de Abel (matar: tirar o espaço na terra).

Ocorre a catástrofe de um mundo dividido e violento, e a lógica do *shalom* é substituída pela da guerra. Depois de Caim, as histórias que se seguem e atingem seu clímax no dilúvio, o cosmos se despedaça, não há mais ecologia, no sentido literal. Certamente, no fim do dilúvio, Deus faz uma nova aliança com os humanos, com os descendentes míticos de Noé. Mas percebe que os humanos são maus (cf. Gn 9,5-6) e permite-lhes comer carne, proibindo o consumo de sangue (cf. Gn 9,4).

Esses textos do Gênesis pretendem ser uma espécie de etiologia meta-histórica da condição da criação pós-diluviana: o mundo está continuamente ameaçado pelo caos por causa de um humano que originalmente “imagem e semelhança” de Deus, capaz de harmonia, vida e beleza, paz, agora é atacado pela vontade de destruição, divisão, invasão do espaço do outro. Um quadro caótico que permanece até hoje.

No Jardim do Éden, através das histórias do Gênesis, organizava-se um uso racional e civilizado da água: o “guardar e o cultivar” do Adão indicavam sua capacidade de cavar poços em regiões de estepe; de construir barragens que transportavam as águas do Nilo, para sistemas de irrigação. O mito bíblico antes de tudo apontava, a água como dom de Deus (a nascente e os quatro rios cf. Gn 2,10-14), mas também às técnicas estudadas e preparadas pelos seres humanos para fornecer água potável a todos. O que os seres humanos não fizeram e ainda não fazem hoje: falta sabedoria fraterna que reconheça o direito de todos de desfrutar das necessidades da vida.

Há uma falta de gestão humana e sábia da água e de outros bens primários, de modo que populações inteiras são forçadas a ter sede ou a beber água não potável, enquanto algumas, as mais ricas, como as populações europeias, australianas e norte-americanas, consomem e desperdiçam a maior parte dos recursos hídricos da Terra. Há muitas passagens denunciando uma infeliz “administração da água” na *Laudato Si'* (n. 29-31).

Na longa aventura do Êxodo, Moisés aprendeu com Deus a dar água aos exilados hebreus que vagavam pelo deserto, forçados pela escravidão que sofreram no Egito: as cenas em que a sede é saciada tornando a água potável, fazendo fluir água da rocha, nos encantam (cf. Ex 15,22-26; 17,1-7).

Histórias escritas e transmitidas que falam aos governos e nós cidadãos comuns, todos corresponsáveis por criar políticas de direito aos bens primários. Falam de superar a indiferença que é lavar as mãos, ignorar o desespero de milhões de pessoas que são forçadas a emigrar de seus países devido à seca e à fome.

No final do livro do Apocalipse há uma visão da “Jerusalém celeste” onde a água será gratuita, ninguém terá que pagar por ela: *“Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. Àquele que tem sede, darei de graça da fonte da água da vida”* (21,6).

Profecia que se projeta no fim dos tempos, mas que envolve também o compromisso de um “já”, no presente dentro da história, para todos aqueles que sentem esta página como a Palavra de Deus. É compromisso humano e cristão de não permitir que o preço da água, a propriedade sobre ela, gere uma economia de injustiça e arbitrariedade sobre a vida dos mais pobres. Ou seja, aqueles que não poderão beber porque não terão nada a pagar. Um crime que clama a Deus: nenhum ser humano, nenhum governo, nenhum poder é legitimado a dispor de água, isto é, a vida ou a morte de nenhum ser humano, de povos, de continentes inteiros da Criação.

TECER A CRIAÇÃO

O Cântico de Francisco de Assis, do qual celebramos os 800 anos do seu retorno à Terra, me levaram a contemplar a Boa Notícia, o Evangelho presente na Criação. Assim com as palavras de Teilhard de Chardin: *“da Palavra substancial, o Universo, imensa Hóstia, fez-se Carne”* me levam de volta a Paulo: *“Quem nos separará do amor de Cristo ... nada nos poderá separar do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor”* (Rm 8,35-39).

Com o Evangelho, os cristãos não herdam apenas a morte e o sepultamento de Jesus, simbolicamente lido como a quebra da aliança e a ameaça de morte na ecologia da vida.

A morte de Jesus nos interliga com a morte de Abel e de todos os mortos no mundo nas mãos de seus irmãos, outros humanos. Jesus também sofreu fratricídio, e nem sequer haveria sepultura para recebê-lo se não fosse a generosidade de José de Arimatéia. Morto como malfeitor e rejeitado como carne amaldiçoada (Lc 23,50-53). No seu corpo inocente entrevemos todos os inocentes cujas vidas são cortadas e cujo sangue clama a Deus da terra (Gn 4,10).

O primeiro grande ato de antiecológica é o massacre dos inocentes que se repete continuamente na terra para corromper sua maternidade. Um desprezo ao qual o Amor de Deus reage e que se expressa na Encarnação e Ressurreição do Filho.

A morte não vai doer! A morte não será *rigor mortis*, mas o trabalho do parto, graças à “revelação dos filhos de Deus” (Rm 8,19), dinamismo do Espírito que ativa uma vitória sobre a morte, uma ecologia criativa, construtiva, conciliadora, reparadora, não conservadora.

No Corpo Ressuscitado do Senhor, aparece a renovação da criação. Em seu corpo místico, as alianças quebradas são reunidas, na ressurreição o shalom acontece. É um legado de profecia e de esperança que deve ser traduzido em atos práticos, concretos e históricos. E aqui está a responsabilidade de construir justiça econômica, política e social. Fazer da terra, devastada pelo caos das divisões, da maldade, da ganância e das guerras, um novo Jardim do Éden, uma nova terra prometida.

Uma nova cidade, uma nova Jerusalém, admiravelmente descrita no livro do Apocalipse:

Eis a tenda de Deus com os homens! Ele habitará com eles, e eles serão seus povos, e ele será o Deus com eles, seu Deus. E enxugará dos seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem luto, nem choro, nem problemas, porque as coisas anteriores já passaram. (Ap 21,3-4)

É o anúncio do Evangelho sobre a Criação: na esteira da ressurreição se abre a obra de redenção na história. Exige, portanto, compromisso político para garantir que nenhum homem, mulher ou povo seja escravo de outrem; que a Pacha Mama é a “mãe” de todos/as, que todos/as podem nela mover-se em busca de possíveis e melhores condições de vida; seja assegurado o direito de migrar e abolido o crime de erguer muros. Que haja um *ius terrae* baseado no predicado de que “a terra pertence a Deus” concedido em usufruto, para que se construa fraternalmente a paz.

O Evangelho sobre a Criação prevê que cada fronteira militarmente defendida deve ser traduzida como limiar, naquele sonho de que o amor do Senhor tornou esperança: a utopia do Éden que supera e renuncie a uma *oikos* dividida, ferida, indigna, onde os ricos roubam imensos espaços do mundo confinando os pobres nos subúrbios e onde ninguém sabe, como Caim: onde está seu irmão, sua irmã.

A Abya Yala do Evangelho será bela, doce, espaçosa, partilhada, dada, não “merecida”, nem comprada com dinheiro, por um Deus Pai-Mãe para quem todos somos filhos, filhas, irmãs e irmãos. Será um país nascido de um Jubileu, que vem no “hoje” do Senhor Jesus:

O Espírito do Senhor está pobres, para proclamar a liberdade aos cativos e a visão aos cegos; libertar os oprimidos, proclamar o ano do favor do Senhor. Rebobinou o pergaminho, devolveu-o ao atendente e sentou-se. Na sinagoga, os olhos de todos estavam fixos nele. Depois, começou a dizer-lhes: «Cumpriu-se hoje esta escritura que ouvistes» (Lc 4,18-21).

CONCLUSÃO

O eco feminismo partindo da relação privilegiada entre a mulher e a natureza desmascara um sistema poderoso de domínio sobre muitas mulheres, alguns homens e o planeta inteiro. Isso demonstra como as diversas instâncias de exploração: econômica, social e ecológica estão conectadas. Construindo a partir de uma

capacidade de relação própria à cultura feminina tece uma visão do Divino que conosco faz aliança e se compromete pela libertação da comunidade da criação. Deus/Deusa que é invocada nesta oração de M. Riensiru nos convida a sentar e *ficar ao seu lado diante do tear da alegria, e tecemos com Ele, Ela a tapeçaria da nova criação.*

*Deus, Nossa Mãe está sentada e chora, a maravilhosa tapeçaria da criação
Que ela havia tecido com tanta alegria está mutilada, rasgada em pedaços,
reduzida a farrapos; sua beleza foi saqueada pela violência.*

*Deus está sentada e chora.
Mas vejam, ela recolhe os pedaços, para começar a tecer novamente.
Ela recolhe os pedaços de nossas tristezas, dores, lágrimas, frustrações
causadas pela crueldade, pela violência,
pela ignorância, pelos estupros, pelos assassinatos.*

*Ela recolhe os pedaços de um trabalho árduo,
dos esforços corajosos, das iniciativas de paz,
dos protestos contra a injustiça.
Todas essas realidades que parecem pequenas e fracas.
As palavras, as ações oferecidas em sacrifício,
na esperança, na fé, no amor.*

*Olhem! Tudo é retocado com o fio de ouro da alegria.
Dá vida a uma nova tapeçaria, uma criação ainda mais rica,
ainda mais bela do que a antiga!*

*Deus está sentada, tece com paciência, com perseverança
E com o sorriso que irradia como um arco-íris
No rosto molhado de lágrimas.
E nos convida a não lhe oferecer apenas os trapos e os farrapos de nossas
sofrimentos e de nosso trabalho.*

*Ela nos pede muito mais.
Que fiquemos ao seu lado diante do tear da alegria,
e tecemos com ela a tapeçaria da nova criação.*

A tradição sapiencial e apocalíptica nos conduzem a uma ética ecológica iluminada pela ação redentora de Jesus o Cristo que visa o florescer de todas as formas de vida e de toda a terra. O poder do Espírito de Cristo se revela em cada lugar onde pessoas

compartilham este amor pela Pacha Mama, buscando sua fecundidade, respeitando seus limites e guardando-a de toda devastação.

No tempo da espera, entre gemidos e esperanças, nos tornemos tecelã, tecendo uma teologia e práxis que interliga libertação e transformação da criação e que manifestará a gloriosa libertação dos e das filhas de Deus/Deusa.

PARA REFLETIR

- ‘Evangelho da Criação’, como isso ressoa em nossos ouvidos, que reflexões provoca, que conversão, que praticas nos desafia?
- ‘Evangelho da Criação’, lança novas luzes sobre o lema xaveriano “Fazer do mundo uma só família?”
- ‘Evangelho da Criação’, as reflexões contidas neste artigo podem ser uteis na nossa atividade de AMV?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GREEN Elizabeth, *Tra gemiti e speranza. Introduzione alla teologia ecofeminista*, intervento al I° Convegno di Eco-teologia a cura del Cenobio Cristico, settembre 2011.

JOHNSON E. *Colei che è. Il mistero di Dio nel discorso teologico femminista*. Brescia: Queriniana, 1992.

PRIMAVESI, Anne. *Do Apocalipse Ao Gênesis*. São Paulo, Paulinas: 1996

RIENSIRU, M., *A tutte le tessitrici del mondo*, CEVAA Spalanca, la finestra. Trieste 2000.

TEILHARD DE CHARDEN, Pierre. *La Messa sul mondo*. Brescia: Queriniana 2019.

VIRGILI Rosanna. *Il Vangelo del Creato*. Meditazione al clero di Pompei 26.10.2023